

APRESENTAÇÃO

FILOSOFIA DA IMAGEM: DA CRÍTICA À MIMESE NA FILOSOFIA ANTIGA À REFLEXÃO SOBRE O SEN- TIDO DA IMAGEM NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

DA FILOSOFIA ANTIGA À MODERNA: A IMAGEM, O REAL E A SUBJETIVIDADE

A relação da filosofia com a imagem instaura-se desde o seu início, seja pelo estabelecimento de oposição, seja pela defesa de uma complementariedade entre o conhecimento conceitual e o imagético. Afinal, implicando desmembramentos fundamentais no campo da epistemologia, da política e da ética, o questionamento acerca do papel da imagem na vida humana esteve sempre presente nos estudos dos autores clássicos da filosofia. Desde os mitos gregos tradicionais, com imagens de seres sobrenaturais, aventuras e heróis fantásticos, assim como a crítica feita pelos primeiros filósofos na desconstrução desses, a imagem se relaciona com diversas noções filosóficas importantes, como a de *mimesis*, quando os pensadores procuraram entender o que pintores, escultores e poetas expressam em suas obras. Da mesma forma, o questionamento do estatuto da imagem esteve atrelado à questão de como, a partir de nossas percepções, as imagens nos auxiliam a inteligir acerca da origem do cosmos, das nossas ações e escolhas, de como conhecemos o mundo e de como justificamos tal conhecimento.

No período Medieval a discussão sobre a imagem estará bastante atrelada à religiosidade, tanto no Oriente como no Ocidente, representando uma ponte com aquilo que não pode ser dito e conectando-se com os sistemas metafísicos que permeiam esse tempo histórico. Na Modernidade,

DOMÍNIOS DA IMAGEM
DOSSIÊ TEMÁTICO:
FILOSOFIA DA IMAGEM

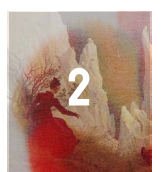




por sua vez, um novo mundo se abre também para os debates sobre a imagem, passando a ser a pintura uma das linguagens fundamentais no Renascimento. O ato de copiar a natureza assume novos pressupostos e o prazer gerado no ser humano pela imagem passa a ganhar centralidade na reflexão filosófica. Ademais, a priorização na Modernidade da ideia de representação trouxe ao centro do debate assuntos ligados a uma outra dimensão da imagem, tais como o papel do sujeito na constituição da experiência, fazendo emergir problemáticas como o realismo indireto, além das questões concernentes ao espaço e tempo, por exemplo. No século XVIII, especialmente, a estética se fixa como questão fundamental da filosofia, emergindo reflexões acerca do juízo de gosto, bem como sobre a universalidade ou não do juízo estético.

Alguns dos artigos apresentados neste *Dossiê de Filosofia da Imagem* nos permitem perpassar essas discussões realizadas pela filosofia, evidenciando-se como o sentido da imagem se reconfigura na história da filosofia. Nesse contexto, por exemplo, o artigo *Imagem e mimese: uma reflexão a partir dos gregos*, de autoria de Christiani Margareth de Menezes e Silva, trata da clássica noção grega de *mimesis* (mimese) e como os filósofos antigos, Platão e Aristóteles, trataram as atividades de pintores e de poetas a partir desta noção. A autora procura mostrar que a tradução recorrente do termo grego por “imitação” esconde a complexa compreensão dos gregos de tal noção. As atividades de pintores e poetas podem parecer imitações inúteis e ilusionistas em Platão, especialmente porque mimese implica sua ontologia, sua epistemologia e mesmo sua ética, sendo para o filósofo ateniense o problema central é que tais imagens podem induzir ao erro em relação ao mundo e à formação humana. Por outro lado, ao tratar de *mimesis* em Aristóteles, a autora mostra que a compreensão tradicionalmente difundida, aquela relacionada à “imitação da natureza” ou à criação de imagens imitativas da realidade, trata-se de uma leitura equivocada, já que, segundo enfatiza o artigo, mesmo se relacionando com o real, a mimese artística é criativa, pois apresenta imagens que podem emocionar, fazer pensar e provocar admiração.

Victor Galdino, em *Notas sobre o conceito de imaginal: Surauardi & Xarazuri*, por sua vez, aborda a filosofia de Xaabe Aldim Surauardi, autor persa nascido no século 12, cuja obra foi divulgada no Ocidente por Henry Corbin, no início do século XX, tendo sido posteriormente traduzida pela primeira vez para uma língua europeia nas décadas de 70 e 80. O texto se debruça, como evidencia seu título, sobre o conceito de *imaginal*, tradução da expressão árabe “*ālam al-mithāl*”, que foi usada de modo recorrente por Xarazuri, médico, historiador e filósofo curdo, primeiro comentador da filosofia de Suruauardi. O artigo visa realizar uma unificação em língua portuguesa dessa elaboração conceitual, procurando particularmente entendê-la no interior dos textos de Surauardi e Xarazuri. O autor procura



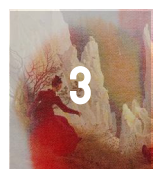



refletir acerca do estatuto ontológico do marginal enquanto ser-em-suspensão, explorando as dimensões em que ele pode aparecer, a saber, além do campo da representação, o da experiência religiosa. Almeja, particularmente, discutir a sua “espacialidade” e sua “mundanidade” — sua topografia peculiar.

No artigo intitulado *Imagem, teofania e heresia: a imagem como manifestação e símbolo no berço do gótico*, o autor Marcus Carnivali dedica-se ao debate acerca do imagético na filosofia e cultura medieval. Tomando a basílica de St. Denis como objeto de análise, o autor procura mostrar, a partir de um fundamento filosófico/teológico, como o imagético é construído para representar um rompimento com a noção de mundo sensível como desvio ou erro. Buscando compreender quais os pontos de defesa e de crítica que tal uso pode trazer para a tradição filosófico/teológica medieval e trazendo referências tanto da história da arte quanto da filosofia, o texto se constitui como uma análise sobre a complexa questão filosófica que preocupa a tradição desde Platão, a saber, qual o papel das imagens na epistemologia humana?

Cesar Miguel Salinas Ramos, por sua vez, em *Las fiestas religiosas-populares de las Imágenes Sagradas em la historia estética-sentimental de la América barroca*, analisa a construção estético-sentimental da América Latina por meio de um debate sobre o modo como o barroco europeu foi aqui reinterpretado e transformado, pontuando, nesse sentido, especialmente a importância das festas populares religiosas. O texto se foca nas origens dos barrocos latino-americanos, no barroco fundacional e nos neobarrocos (ilustrado, republicano e neoliberal), procurando realizar uma revisão histórico-historiográfica da América Latina como enclave barroco-neobarroco. De modo geral, o autor mostra como a lógica estético-dramática-sacramental é característica essencial das sociedades latino-americanas e evidencia como as festas populares-religiosas — aquelas centradas em torno das imagens sagradas ou religiosas — são tempos-espacos fundamentais na formação estético-sentimental de nossas comunidades. Trata-se de permitir aos leitores o entendimento de que essa dimensão teológico-estética das comunidades é essencial para mobilizar possíveis emancipações e resignificações, bem como para romper com o suposto monopólio da Igreja/família, do Estado e do mercado sobre a administração dos ritos essenciais (festas religiosas e imagens sagradas).

César Kiraly, em *Hume e a arte contemporânea: a pictorialidade da imagem*, aborda a conexão entre o pensamento do David Hume e a arte contemporânea, partindo da compreensão de que o filósofo cético entende a filosofia a partir da pictorialidade do pensamento. O autor mostra que coube a Hume aprofundar essa perspectiva pictórica do ceticismo, especialmente a partir de suas análises sobre as relações, a identidade, a cor, dentre outras. No escocês teríamos uma aproximação





entre o filosofar e a receptividade típica de poesia, ou seja, veríamos um tratamento da linguagem de um ponto de vista pictórico, em que a composição de sentido se aproxima da forma como a pintura, sobretudo na arte contemporânea, o aborda. Kiraly, nesse contexto, procura evidenciar que o *Tratado* se aproxima da arte contemporânea ao dotar o fenômeno da imagem com um vocabulário material a partir do qual o dentro e o fora da consciência ou não são bem demarcados ou estão em clara relação de continuidade, uma continuidade que é fundamental para as formas de produção de sentido da arte contemporânea.

A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA, O APROFUNDAMENTO DAS PROBLEMÁTICAS E AS NOVAS REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM

O contemporâneo é tanto herdeiro da historicidade do sentido que a imagem possui na sociedade, aprimorando determinadas problemáticas presentes nas Filosofias Antiga, Medieval e Moderna, como responsável por uma série de novas questões e nuances, produzindo reflexões filosóficas originais sobre o nosso conteúdo imagético e sobre a criação artística, de modo geral. Assim, por exemplo, a filosofia contemporânea se abriu a novas maneiras de abordar o erotismo na imagem, sendo a figura de Eros um dos nossos elos entre o passado e o presente. Também coube ao mundo atual aprofundar a tematização da contraposição entre uma imagem reflexiva e a imagem-clichê, dado que o incremento da nossa relação com as imagens no mundo contemporâneo tornou essencial um debate sobre formas da imagem que podem dialogar e se contrapor a outras formas, mais alienantes, de imagens. Do mesmo modo, o papel conectivo das imagens na produção de interdependências e vínculos de cuidado entre diferentes sujeitos e modelos de vida se intensifica paulatinamente como problemática filosófica. E, além disso, novos contextos de exploração da capacidade da imagem expressar o silêncio emergiram, cabendo aos pesquisadores produzirem novos debates acerca do tema. Ademais, com o aprofundamento da ubiquidade das imagens nas nossas vidas, na segunda metade do século XX e no início do século XXI, problemáticas tais como aquelas que ponderam o fato de que hoje nossas conexões são mediadas por aparelhos e imagens eletrônicas também vieram à tona. Assim como, dada a saturação das imagens na nossa vida atual, configura-se como tarefa inescapável para a filosofia e a teoria da imagem entender os impactos epistemológicos para áreas do saber como a filosofia da linguagem, a história da arte e a estética.

Sobre a imagem de Eros, apresentamos no *Dossiê Filosofia da Imagem* o texto *A permanência da imagem de Eros como fronteira em Safo, Madonna e Hilda Hilst*, de Gabriel Camargo Onesko, o qual parte da compreensão de que, desde os sistemas de escrita iconográficos da antiguidade até as práticas literárias atuais, a interação

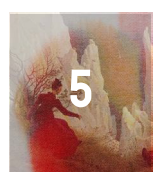




entre texto e imagem revela um diálogo constante entre palavra e visualidade. O texto apropria-se, especialmente, da interpretação de Georges Didi-Huberman, segundo a qual a imagem está intimamente ligada à memória, sendo sua leitura dependente de um imaginário coletivo construído ao longo do tempo. E propõe, nessa perspectiva, uma análise sobre o diálogo entre texto e imagem, a partir de 3 obras, a saber, o fragmento 31, de Safo, uma fotografia do livro *Sex*, de Madonna, e um poema de Hilda Hilst, na qual é justamente a representação nelas de Eros que atua como elo de ligação. Articulando algumas reflexões teóricas sobre os estudos da imagem de Arbex e Louvel, bem como as investigações apresentadas por Brizuela sobre a fotografia, e por Bataille acerca do erotismo, além da leitura de Warburg proposta por Didi-Huberman, o texto procura evidenciar a potência do desejo como aquilo que rompe com fronteiras culturais e temporais.

Abordando algo que também está presente no artigo de Gabriel Camargo Onesko, a saber, o entendimento de que a fotografia representa um momento específico dentro da história da arte, o qual reconfigura a relação entre imagem e real, o texto *Reflexões sobre um espelho chamado olho*, de Marcelo Alves Pereira, Ericson Sávio Falabretti e Claudia Pereira do Carmo Murta, discute elementos fundamentais dessa linguagem artística, a partir de uma articulação entre fenomenologia e psicanálise, sobretudo nas perspectivas de Sartre e Lacan. O texto apresenta uma investigação sobre o estúdio fotográfico como um espaço de produção simbólica, onde o corpo fotografado deixa de ser mero objeto e passa a refletir o olhar e o desejo de quem o observa. A fotografia é pensada, assim, como um campo de esquizo e nadificação: o olhar que fende o sujeito e o transforma em imagem e ausência. O texto problematiza, nesse contexto, como a fotografia, ao mediar a relação entre quem olha e quem é olhado, opera uma nadificação do sujeito, desvelando, nas perspectivas de Lacan e Sartre, talvez um processo de alienação e desdobramento da subjetividade. Pondera, a partir dessa reflexão, o que é o olhar. Reflete como o ato fotográfico é um acontecimento em que o sujeito é exposto ao olhar que o constitui. Retomando o debate fenomenológico e psicanalítico sobre o olhar no contexto da fotografia, o texto procura ressignificar, assim, as relações entre sujeito e objeto, pretendendo compreender a fotografia como experiência intercorpórea, na qual se joga a ambivalência entre passividade e atividade do corpo fotografado e do corpo que fotografa, revelando camadas de desejo, ausência e pulsão.

No campo das reflexões contemporâneas sobre o modo como determinada dimensão da imagem pode representar um enfrentamento a usos alienantes da própria imagem, Alvaro Luiz Nunes, em *Política da visão: a vidência na obra de Gilles Deleuze*, mapeia e discute o tema da vidência na obra de Gilles Deleuze, confrontando essa vidência com a percepção sensório-motora comum. O autor





argumenta que a filosofia de Deleuze busca mostrar uma dimensão da imagem em que ela pode romper com os clichês perceptivos, a fim de revelar o intolerável e abrir novas possibilidades de vida e pensamento. O texto amplia as possibilidades de uma pedagogia da imagem, tematizadas por Deleuze nos seus estudos sobre cinema, para qualquer sujeito reflexivo, mostrando como o rompimento com o esquema sensório-motor pode redefinir o problema da política, deslocando-o do voluntarismo para uma ética da resistência e da criação. Nesse sentido, inicialmente aborda a ocorrência do termo “vidente” e seu correlato “visionário” na obra do filósofo, buscando compreender o contexto em que essas palavras são empregadas. Em seguida, tenta mostrar que a análise deleuziana da imagem cinematográfica poderia ser mais bem compreendida quando pensada em termos da oposição entre uma função actante da imagem (cinema dito clássico) e uma função vidente da imagem (cinema dito moderno). Isso, para na sequência, analisar as implicações políticas que estão na base de cada função da imagem, para propor uma política vidente que se opõe à política sensório-motora que inspira a consciência política clássica.

Em *A hospitalidade das zonas imageantes na filosofia de Marie-José Mondzain*, Ângela Cristina Salgueiro Marques faz uma abordagem reflexiva acerca das obras mais recentes da filósofa franco-argelina Marie-José Mondzain, as quais investigam o papel conectivo das imagens na produção de interdependências e vínculos de cuidado entre diferentes sujeitos e modos de vida. Discutindo obras tais como *Images (à suivre)* – em que a filósofa reúne memórias biográficas, ao recuperar cenas de sua infância na Argélia entre as décadas de 1940 e 1950, e faz uma paisagem sensível acerca de como sua busca pelas imagens (em sua constante fugitividade) constituiu a força necessária para redefinir a esperança em meio ao terror da morte e da guerra – o artigo visa explicitar a maneira através da qual Marie-José Mondzain define a operação das imagens no processo de criação de zonas imageantes de indeterminação, de intervalos e limiares abertos ao reconhecimento e à hospitalidade. Ângela Cristina Salgueiro Marques mostra como a reflexão produzida pela filósofa franco-argelina, especialmente em diálogo com Jacques Rancière e Andrea Soto Calderón, evidencia que a ficção que é elaborada na zona intervalar onde florescem as imagens permite outra inteligibilidade para o mundo e orienta a uma ação que recusa as confiscações coloniais e às inospitalidades que seriam forçadas pelo capitalismo.

Maria Carolina de Almeida Amaral, em *Vestígios do silêncio: leitura e imaginação em A chegada, de Shaun Tan*, analisa o papel do silêncio na construção de sentidos na narrativa visual do livro *A chegada*, de Shaun Tan, mostrando como o silêncio – entendido não como ausência, mas como uma presença significativa – atua na relação entre imagem, leitura e imaginação. A partir de aportes teóricos de autores






como George Steiner, David Le Breton, Georges Didi-Huberman e Cecilia Bajour, a autora argumenta que os “silêncios visuais”, além de instaurarem no leitor uma experiência subjetiva de silêncio, convocam-no à participação ativa no processo de significação. Ela procura ressaltar, nesse sentido, que a obra de Tan, ao evitar explicitações verbais e visuais, oferece uma experiência estética que valoriza a ambiguidade, o não-dito, bem como o tempo de contemplação.

Vagner Gomes Ramalho, em seu texto *A experiência como fundamento da visualidade*, também aborda elementos fundamentais do nosso cenário atual em relação às imagens. Nele esse autor argumenta que nossa conexão com o mundo é mediada por outras subjetividades – controladas por interesses pessoais e imunes à influência direta do sistema de conectividade global. O artigo mostra que isso ocorre porque esses interesses usurparam o comando desse sistema, que também é fruto de uma construção coletiva. Assim, Vagner Gomes Ramalho evidencia que não existe mais uma ligação direta com a experiência sensorial, mas sim uma conexão sempre mediada. Dessa forma, argumenta que é fundamental reconhecer que refletir sobre imagens em nossos tempos envolve também considerar sua origem na construção de um mundo constantemente capturado por diferentes dispositivos conectados e ressignificado de forma contínua pela capacidade dos algoritmos, que se consolidaram como um elo entre as subjetividades e o mundo. Com base nessa perspectiva, o artigo explora as interfaces entre visualidade, experiência e mediação técnica, analisando suas manifestações contemporâneas, estruturadas a partir de interações moldadas por processos maquínicos. O texto busca destacar a necessidade de novas abordagens filosóficas para entender o impacto da captura de dados na configuração de nossa experiência com o mundo.

Por sua vez, no artigo *Arte de novas mídias e as possibilidades de discursos sobre o real: uma reflexão sobre a imagem sintética*, com fundamento nas considerações levantadas por pensadores da imagem, tais como Philippe Dubois, sobre a questão da habilidade (ou inabilidade) representativa da imagem eletrônica, e também na produção artística documental contemporânea baseada em imagens dessa natureza, a autora Carmem Martins propõe uma investigação sobre o potencial da imagem puramente eletrônica, ou sintética, para produzir discursos sobre o real ou sobre o mundo em sua materialidade. Ela dedica especial atenção à obra *SocialSim* (2020) de Hito Steyerl, em que a violência policial é trabalhada a partir de uma videoinstalação que simula um videogame. A artista fundamenta sua prática investigativa na proliferação de imagens digitais e em suas implicações em larga escala. Assim, ao refletir sobre a obra de Hito Steyerl, também a partir das referências teóricas discutidas no artigo, Carmem Martins mostra como as imagens eletrônicas podem ser utilizadas como uma *metalinguagem* da sociedade





mediática, possibilitando a transposição dos espaços tradicionais da arte para o interior da própria mídia e de seus desdobramentos institucionais.

No texto *A imagem como desafio à filosofia: reconfigurações no entendimento do mundo contemporâneo*, Danilo Vilaça parte do contexto atual, em que há uma saturação das imagens e uma ubiquidade das representações visuais, as quais impactam nossa compreensão do mundo. Essa saturação e ubiquidade tornam a relação entre imagem e linguagem um tema filosófico fundamental. Nesse sentido, o autor analisa temas concernentes à “virada icônica/pictórica”, explorando de que maneira as imagens se tornam um elemento de tensão para o exame da linguagem. E, nesse contexto, ele argumenta que o componente imagético deve ser reconhecido como parte fundamental para a interpretação da dinâmica linguística. A partir das perspectivas de William John Thomas Mitchell (1992) e Gottfried Boehm (1994), e em diálogo com a ‘virada linguística’ introduzida por Richard Rorty (1967), que tem como pano de fundo, por sua vez, a obra de Wittgenstein, o autor reflete sobre o retorno estratégico da lógica ao campo da estética, promovido pela filosofia em colaboração com uma variedade de outras disciplinas.

Em *Iconologia crítica: a imagem na redefinição do método iconológico numa era pós-Panofsky*, Rafael Costa Geremias investiga a proposição da *iconologia crítica* de Mitchell, enquanto modelo que tenta abarcar a demanda por uma historiografia da imagem na atualidade. Abordando obras fundamentais de Mitchell, bem como explorando a aproximação posterior de Belting dessas obras, o artigo propõe-se a analisar as contribuições deste modelo iconológico para a delimitação do método em seus fundamentos epistemológicos e heurísticos, além de no que se refere às possibilidades de atualização sobre problemas como o uso da imagem no fazer historiográfico da arte. Parte, para tanto, dos debates recentes que evidenciam o afastamento em relação aos métodos tradicionais da história da arte, no que Mitchell chama de era pós-Panofsky, e que tentam construir caminhos heurísticos que insubordinam a *imagem do texto*, tais como os de, além dos próprios Belting e Mitchell, Santiago Jr. Georges Didi-Huberman e Aby Warburg. Pondera, nessa perspectiva, também algumas implicações do enlace entre essas novas propostas teóricas.

André Felipe Grecco, em *Para além do visível: Arthur Danto e a crise da imagem na arte pós-histórica*, parte da argumentação de Danto segundo a qual a fotografia e o cinema impulsionam o que chama de “fim da arte”. Se durante grande parte da história da arte a imagem foi vinculada à pura representação mimética dos objetos da realidade, de forma que a evolução artística advinha diretamente do aperfeiçoamento da representação visual, com o fenômeno da fotografia e do cinema a arte passaria a ser retirada de seu papel mimético, sendo deslocada





à outras funções distintas da de representar fielmente a realidade, passando a ser compreendida por Danto como um “significado incorporado”, ou seja, uma manifestação em que as qualidades visuais não são as únicas definidoras da arte, mas também a capacidade da obra expressar um significado. Tendo em vista esse contexto temático, o artigo explora a transformação do papel da imagem na arte contemporânea, aprofundando o conceito de “fim da arte” de Arthur Danto, procurando avaliar como a pintura modernista e o cinema refletem essa mudança.

Andrea Cachel

Christiani Margareth De Menezes E Silva

Pedro Monte Kling

Organizadores do Dossiê

